

Dr. Miguel Akkari

Cuidar da mobilidade é também cuidar da vida

Precisamos construir um ambiente de trânsito que favoreça comportamentos seguros, valorize quem trabalha sobre duas rodas e distribua responsabilidades entre todos os atores envolvidos.



Dr. Miguel Akkari, Presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT).

Celebrar o Dia do Médico é reconhecer uma profissão que tem na essência o compromisso de cuidar. Mas, para nós, ortopedistas, cuidar significa, muitas vezes, ir além do tratamento da doença ou da recuperação de uma lesão. Significa devolver autonomia, reconstruir movimentos, aliviar a dor e, sobretudo, ajudar cada pessoa a retomar sua vida com dignidade.

A ortopedia e a traumatologia estão presentes em diferentes momentos dessa jornada. No nascimento, no envelhecimento, na prática esportiva, no trabalho e nas inúmeras situações em que a mobilidade é colocada à prova. Estamos ao lado de pacientes que precisam voltar a caminhar, trabalhar, brincar com os filhos, praticar um esporte ou simplesmente realizar atividades cotidianas que, antes de uma lesão, pareciam banais.

Entre os grandes desafios enfrentados pela especialidade está, sem dúvida, o trauma provocado pelos sinistros de trânsito. E, nesse cenário, a realidade das motocicletas merece atenção especial. O Brasil vive uma verdadeira epidemia de acidentes envolvendo veículos de duas rodas, com milhares de mortes, internações e pessoas que carregam sequelas físicas e emocionais por toda a vida.

Os números são contundentes. Dados consolidados pela Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia mostram que foram 166.026 internações de motoci-

clistas, em um universo de 251.699 hospitalizações relacionadas ao trânsito ao longo de 15 anos. Ou seja, aproximadamente dois terços das internações ocorreram entre usuários de motocicletas.

Não estamos falando apenas de estatísticas: são vidas interrompidas, famílias impactadas e um sistema de saúde pressionado por consequências que, em grande parte, podem ser evitadas.

É justamente por isso que o médico não pode ser apenas aquele que espera o paciente chegar ao consultório, à emergência ou ao centro cirúrgico. Nosso compromisso com a sociedade começa também na prevenção.

Uma pesquisa realizada pelo IQG – Instituto Qualisa de Gestão, pela FIESP e pela SBOT, com 23.240 usuários de motocicletas nos 27 estados brasileiros, ajuda a iluminar esse caminho. O levantamento mostra que 59,5% dos entrevistados já sofreram um acidente de moto e que mais da metade pilota seis horas ou mais por dia. Mas revela algo ainda mais importante onde o problema não pode ser colocado exclusivamente sobre os ombros do indivíduo.

A pesquisa foi estruturada em três pilares: Indivíduo (o que o motociclista sabe e consegue fazer), Grupo (o que o ambiente social influencia) e Sistema (o que as condições ao redor incentivam ou dificultam). Enquanto o pilar Indivíduo alcançou 91,2

pontos (até 100), considerado alto, o pilar Sistema ficou em apenas 32,2. Entre esses extremos está o Grupo, com 72 pontos. A mensagem é clara: as pessoas podem reconhecer os riscos e desejar agir com segurança, mas fatores econômicos, sociais, profissionais e estruturais interferem diretamente em suas escolhas.

Essa constatação muda a forma como devemos enfrentar o problema. Educação e conscientização são fundamentais, mas não suficientes. Precisamos construir um ambiente de trânsito que favoreça comportamentos seguros, valorize quem trabalha sobre duas rodas e distribua responsabilidades entre todos os atores envolvidos.

É nesse ponto que iniciativas como a pesquisa da SBOT, em parceria com a FIESP e o IQG, humanizam ainda mais a ortopedia. O ortopedista não está apenas no centro cirúrgico reconstruindo ossos e articulações.

Está também de mãos dadas com a sociedade para evitar que essas lesões aconteçam. Neste Dia do Médico, portanto, celebrar nossa profissão é reafirmar esse compromisso. Porque devolver mobilidade é uma das mais nobres formas de cuidar. Mas trabalhar para que menos pessoas percam sua mobilidade, sua saúde ou a própria vida também é medicina. 